

ENTENDENDO A UCRÂNIA

Por Matthew MacKay*



Valentyn Ogirenko/Reuters.

Um breve histórico para contextualizar a atual crise pelo ponto de vista ucraniano.

Compreender o atual conflito militar que se desenrola na Ucrânia requer uma análise da história do país e a influência das regiões vizinhas. A quantidade de meios de comunicação circulando informações sobre essa crise, seja por meio do jornalismo *mainstream*, pelas redes sociais ou mídias independentes, cria narrativas contraditórias que muitas vezes semeiam confusão e ceticismo. Em uma era de informação enganosa e campanhas de desinformação, este artigo se esforçará para ser o mais objetivo possível para esclarecer os interessados em entender a complexa história e as relações da Ucrânia.

FRONTEIRA

A Ucrânia é uma palavra de origem eslava para “fronteira” ou “região de fronteira”, mas não se tornou proeminente usada por seus cidadãos até o século XIX. É um nome apropriado para um país assolado por inúmeras invasões e controlado por vários impérios que datam de mais de 2.000 anos. Alguns ucranianos ainda se referem a si mesmos como “Kyvian Rus” (“Rus de Kiev”), que faz referência à invasão do século IX pelos varegues, mais conhecidos hoje como vikings. Mesmo naquela época, a Ucrânia já oferecia rotas comerciais atraentes para os comerciantes, com o rio Dnieper conectando o norte da Europa ao Mar Negro ao longo da costa sul, abrindo rotas para grandes mercados comerciais como os situados em Istambul.

O “Rus de Kiev” tornou-se um território proeminente e florescente por algumas centenas de anos até que os mongóis-tártaros invadiram e tomaram Kiev em 1240 d.C. Isso levou a numerosos impérios e governantes externos conquistando várias áreas da Ucrânia. Mais notavelmente, o Grão-Ducado da Lituânia governou a partir do norte, enquanto o reino da Polônia estabeleceu seu domínio a oeste. Uma facção do Império Mongol, conhecida como Horda Dourada, conquistou as áreas restantes, criando três poderes que governaram e exerceram influência sobre o povo ucraniano. Não demorou muito para que o Ducado da Lituânia e a Polônia unissem forças para criar a Comunidade Polaco-Lituana por algumas centenas de anos até que o Império Russo absorvesse e anexasse o território ucraniano no final do século XVIII.

A transferência do governo para o Império Russo foi uma mudança significativa para os cidadãos da Ucrânia, que anteriormente estavam submetidos ao catolicismo devoto da Polônia. Isso apagou suas raízes na ortodoxia oriental e nas igrejas ortodoxas gregas, mas o retorno ao Império Russo incutiu e permitiu que os ucranianos voltassem a praticá-lo abertamente. Demorou décadas, mas a absorção da Ucrânia pelo Império Russo acabou se mostrando positiva no final do século XIX. Houve uma ênfase particular na educação e alfabetização sob o Império Russo. Tornou-se a principal força a incutir um forte senso de nacionalismo entre a população ucraniana e eles não se esquivaram de reconhecer suas diferenças étnicas, sociais e culturais em comparação com a Rússia.

A conjuntura crítica na linha do tempo da Ucrânia ocorreu durante a Revolução Industrial, quando o Império Russo emitiu uma série de reformas que levaram a um maior desenvolvimento econômico na forma de produtos metalúrgicos como tubos de ferro fundido e aço. As densas áreas urbanas formaram economias prósperas em uma área conhecida como Bacia de Donets, localizada entre Donetsk e Luhansk, na região leste da Ucrânia. O efeito colateral dessa industrialização em massa levou muitos imigrantes a procurar empregos nas fábricas nessas áreas, muitos dos quais vieram de regiões menos prósperas e desoladas do Império Russo.

Muitos ucranianos nativos queriam evitar ser deslocados do local de trabalho, mas também buscavam um salário lucrativo, e é por isso que se voltaram para a agricultura. Os férteis solos negros da Ucrânia estão entre os melhores do planeta para uma variedade de culturas, principalmente grãos, batata, beterraba e sementes de girassol. A mudança para o campo para possuir terras agrícolas foi um grande investimento devido à geografia e o clima da Ucrânia. No entanto, a virada do século 20 inaugurararia uma era brutal de turbulência social e política. Esse caos, e a mudança para o comunismo linha-dura tornaram os lucros agrícolas uma *commodity* nacionalizada, criando múltiplas fomes justificadas pela lente ideológica do coletivismo.

COMUNISMO E STALIN

A Revolução Russa de 1917 evoluiu para a tomada do poder pelo partido comunista bolchevique. A Primeira Guerra Mundial afetou a economia e a terra da Ucrânia, particularmente no território ocidental ao longo da fronteira com a

Polônia, pois as políticas criadas para nacionalizar empresas e requisitar alimentos durante a guerra desencadearam efeitos negativos devastadores. Uma seca coincidiu durante este período, levando à primeira fome na Ucrânia em 1921, que custou até um milhão de vidas. O líder da República Soviética, Vladimir Lenin, introduziu a Nova Política Econômica (NPE), restaurando a iniciativa privada. A maior mudança da NPE se concentrou em substituir a política desumana de requisição de alimentos por um imposto fixo, permitindo que os camponeses vendessem seus excedentes no mercado livre e melhorassem seus meios econômicos de subsistência.

Apesar do sucesso por trás da NPE de Lenin, a ascensão de Joseph Stalin ao poder no aparato do Partido Comunista em Moscou levaria ao período mais horrível da história da Ucrânia. Stalin lançou um plano de cinco anos denominado “revolução de cima”, trazendo rápida industrialização e expansão em densas áreas urbanas. Os trabalhadores rapidamente assimilaram esses empregos no leste da Ucrânia.

No entanto, havia um preço a pagar por um crescimento tão rápido em um curto período. Especificamente, os *gulags*, ou “camponeses ricos”, foram vítimas da coletivização. Isso incluiu aumento de impostos, cotas de entrega de grãos, perda de propriedade, deportação e execução. O Holodomor, ou “Grande Fome”, tornou-se realidade como resultado de políticas de coletivização, matando de fome cerca de quatro milhões de ucranianos e outro milhão de soviéticos em toda a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) durante 1932 e 1933. Talvez o mais cruel tenha sido o Partido Comunista elevando as cotas de requisição de alimentos a níveis absurdos, enquanto exportava mais de um milhão de toneladas de grãos para nações ocidentais para sustentar sua própria economia.

Este foi um ato maligno, mas serviu a um propósito, na cultura ucraniana, como base para seu nacionalismo e resistência ao partido comunista bolchevique. Imigrantes e colonos de diferentes repúblicas sob domínio soviético tiveram que ser realocados para o campo ucraniano para repovoá-lo depois que duas fomes devastaram os camponeses. Outra onda de baixas maciças ocorreu sob a ocupação alemã na Segunda Guerra Mundial, adicionando mais camadas de desespero e desesperança à resiliente população ucraniana.

MAIORIA PSICOLÓGICA

Após a ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial e os estertores finais do regime de Stalin, vamos nos situar nos primeiros momentos da independência ucraniana em 1991. Isso nos dá uma melhor compreensão do atual conflito que se desenrola, pois a autonomia da Ucrânia foi um enorme choque cultural para o povo de língua russa na Ucrânia, bem como para o governo russo. Reconhecer a autonomia independente da Ucrânia foi uma luta constante, pois as terras agrícolas lucrativas e as zonas industriais não financiavam mais a economia russa.

A localização da Ucrânia constantemente coloca o país em uma posição difícil. Um evento frustrante ocorreu em 2006, quando a Rússia cortou o fornecimento de gás natural para a Ucrânia sob o pretexto de dívidas. Muitos ucranianos, no entanto, acreditam que foi uma retaliação. Eles lembraram da hiperinflação de 1993, após

a decisão do governo russo de aumentar os preços subsidiados dos combustíveis fósseis.

Em 2022, 17% da população da Ucrânia é composta por russos étnicos. Muitos estão concentrados nas áreas de indústria pesada do leste da Ucrânia na Bacia de Donets e em cidades de Donetsk e Luhansk, o que continua a se manifestar na ideia da “maioria psicológica”. Este é o pretexto que o presidente russo Vladimir Putin usou para justificar a invasão da Crimeia em 2014 e, mais uma vez, invadir Luhansk, Donetsk e, eventualmente, as cidades de Kharkiv e Kiev mais para o interior. Os russos na Ucrânia desprezavam a ucranização dos sistemas educacionais e ficaram mais perturbados com a rejeição da Ucrânia ao russo como segunda língua oficial. Uma lei que concede às autoridades regionais o poder de oficializar uma determinada língua minoritária resolveu esta questão. No entanto, infecionou e explodiu mais uma vez no final de 2013, quando o ex-presidente ucraniano Viktor Yanukovych mudou sua posição e não assinou um acordo com a UE, recuando devido à intensa pressão da Rússia.

A maioria psicológica russa continuou a alavancar sua posição nas áreas industriais e manufatureiras de Luhansk e Dobansk, na área oriental de Donbass, na Ucrânia. Foram realizadas eleições separatistas nessas regiões, mas nem mesmo a Rússia manteve a lealdade, descartando os resultados como ilegítimos juntamente com as potências ocidentais. Esta rejeição levou a mais lutas e agressões de grupos separatistas pró-Rússia. Os danos infligidos à região de Donbass acabaram interrompendo o abastecimento de água da Ucrânia, ao mesmo tempo em que a covid-19 fechou negócios e prejudicou a economia em 2020.

O recém-eleito presidente Volodymyr Zelensky, um ex-ator que interpretou um presidente ucraniano em uma comédia situacional, apelou aos ucranianos que queriam paz e melhoria econômica pela eliminação da corrupção organizada. Zelensky tornou-se presidente da Ucrânia em 2019, mas não conseguiu cumprir suas promessas de campanha. Ele agora se depara com a preservação do governo ucraniano e enfrenta a difícil tarefa de manter as fronteiras intactas, ao mesmo tempo em que tenta elevar o moral dos cidadãos ucranianos contra a crescente pressão de grupos pró-russos nos setores industriais.

AUTONOMIA VERSUS SOBERANIA

A Rússia é o parceiro comercial mais vital da Ucrânia, o que força os dois lados a se engajarem continuamente em uma diplomacia de “pisar em ovos”. A Rússia tem os recursos de gás natural e energia que alavanca uma vantagem, mas a Ucrânia tem vários gasodutos que levam gás para a Europa e transporta barris de petróleo russo para os países ocidentais, incluindo os Estados Unidos. Sua localização é um impulso do ponto de vista de negociação. A Ucrânia sempre pode ameaçar cortar os gasodutos em uma resistência desesperada. Indiscutivelmente seria mais eficaz parar as exportações agrícolas, o que teria efeitos em cascata em uma economia russa tão dependente da Ucrânia para importações e exportações. Por outro lado, a Ucrânia pode ser completamente privada de recursos energéticos críticos, como aconteceu brevemente em 2006.

O país experimentou altos e baixos durante a ocupação russa ao longo dos séculos. Sua dependência da Rússia, e com quase 20% de ucranianos de língua russa fortemente concentrados em áreas industrializadas vivendo dentro de suas fronteiras, cria uma relação complicada. A Ucrânia é uma nação soberana há mais de três décadas, mas continua a contar com a Rússia como parceiro comercial e vizinho iminente. Adaptar o nacionalismo e a política ucraniana não faz parte dos desejos autônomos dos russos na Ucrânia. Essa tensão existe há anos e provavelmente continuará aumentando com a agressão do Kremlin.

O palco geopolítico está totalmente iluminado e a Ucrânia é o epicentro. Quer apazigue ou não as facções pró-Rússia, a Ucrânia e o presidente Zelensky precisarão de uma diplomacia forte para manter a soberania e seguir adiante. A autonomia no Donbass parece não satisfazer mais as ambições de Putin.

Quer ele consiga ou não repelir os militares e ataque aéreos estratégicos russos, a globalização das nações desenvolvidas e suas relações complexas e entrelaçadas se opõem claramente aos motivos pró-russos e a uma Rússia secular. Este é o cerne da questão e é preciso navegar através dele com a máxima precisão para evitar uma escalada maior.

***Matthew MacKay** é ávido leitor e escritor com experiência em comunicação e tecnologia. Ele gosta de pesquisar, analisar e opinar sobre tópicos geopolíticos e possui um mestrado em Comunicação Organizacional e um Bacharelado em Estudos de Comunicação pela Universidade de Ohio.
